

vinicius de Moraes  
**roteiro lírico e sentimental  
da cidade de São Sebastião  
do Rio de Janeiro,  
onde nasceu, vive em trânsito  
e morre de amor  
o poeta Vinicius de Moraes**

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DE DANIEL GIL  
ILUSTRAÇÕES DE JULIANA RUSSO

---

COMPANHIA DAS LETRAS

## sumário

**o epílogo das tramas** 12

DANIEL GIL

**cartão-postal** 28

**modinha** 29

**a cidade antiga** 31

**a cidade em progresso** 36

**lopes quintas (a rua onde nasci)** 39

**o namorado das ruas** 40

**redondilhas a laranjeiras** 42

**a volta do filho pródigo** 43

**lembrete** 46

**a lira que não escreveu gonzaga** 48

**o corta-jaca** 52

**história do samba** 56

**jogos e folguedos** 57

**jogo de empurra** 59

<b>tanguinho macabro</b>	60
<b>cidadão da gávea</b>	64
<b>ilha do governador (meio-dia em cocotá)</b>	67
<b>a primeira namorada</b>	68
<b>rua do catete (faculdade de direito)</b>	70
<b>rua das acácias</b>	72
<b>minha lapa</b>	74
<b>soneto do café lamas</b>	76
<b>avenida rio branco</b>	77
<b>copacabana</b>	78
<b>rua conde de lage</b>	82
<b>balada das lavadeiras</b>	84
<b>balada de botafogo</b>	90
<b>balada de di cavalcanti</b>	93
<b>as mimosas cravinas</b>	97
<b>chorando pra pixinguinha</b>	99
relação das fontes originais	102
obra poética publicada pelo poeta	108
sobre o poeta, recomendado pelo organizador	110
sobre o autor	115
índice de títulos e primeiros versos	116

X

v  
v  
avião  
v  
v

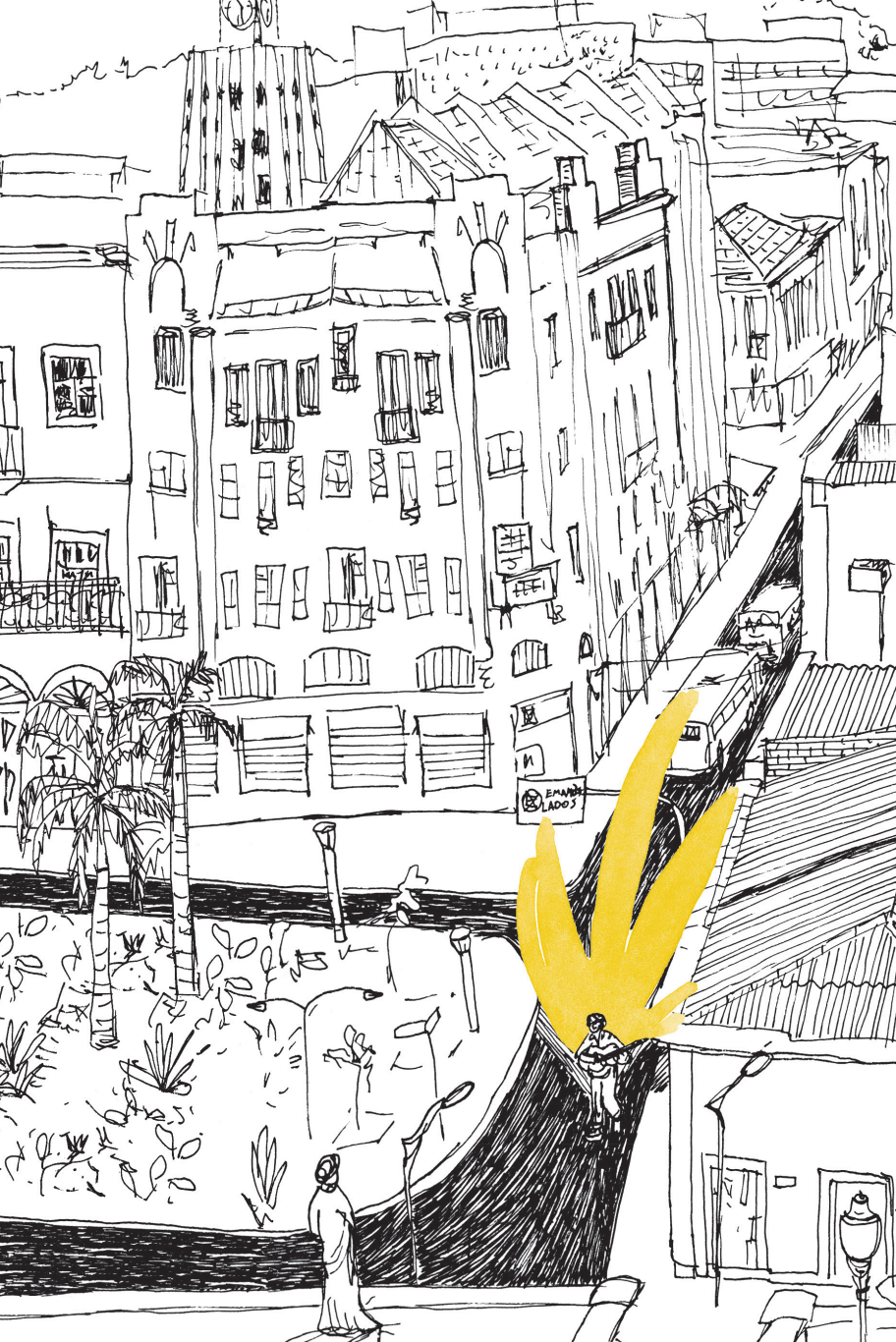
lua

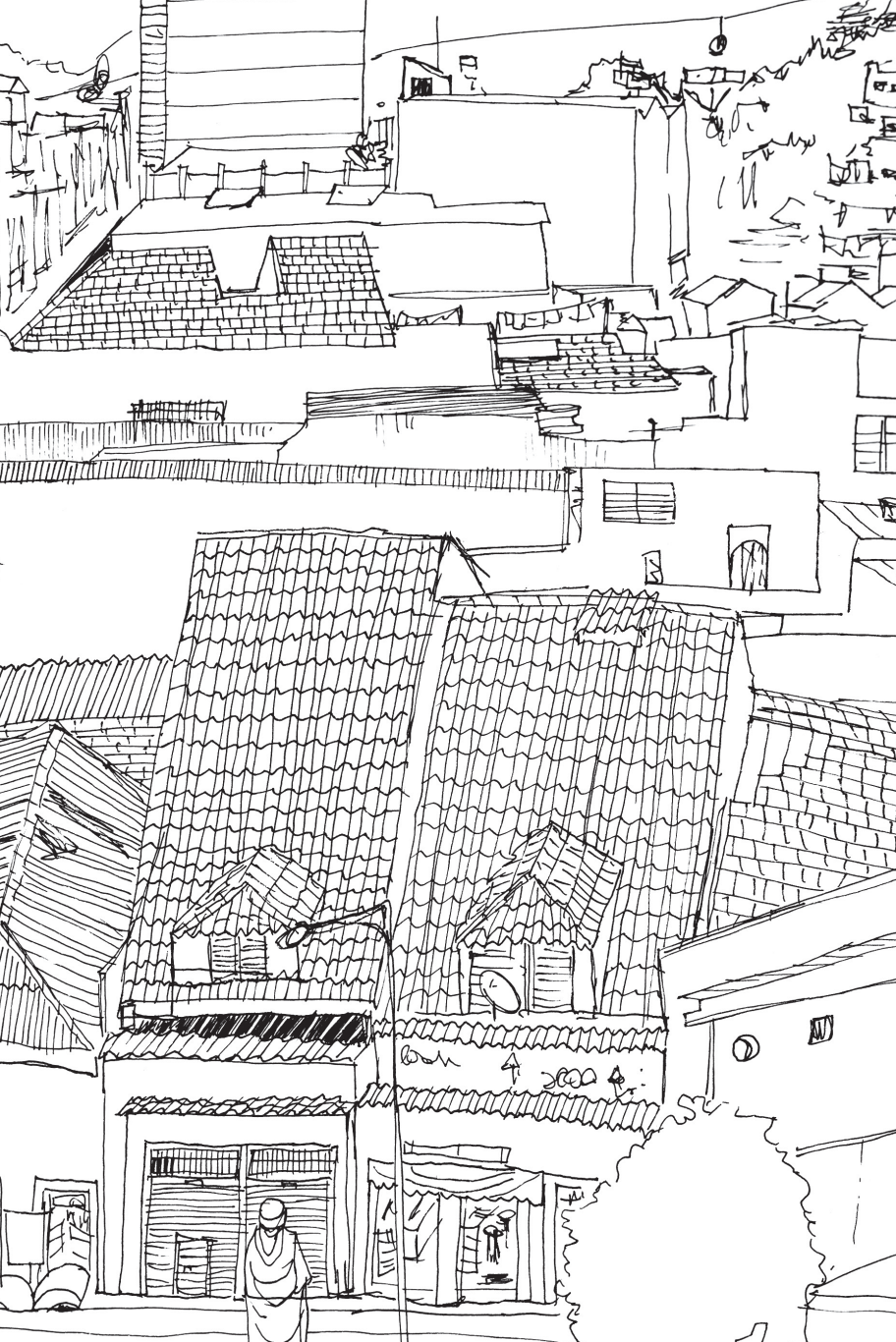
Aquiporeisssssssssssssssssssssparafingirdomosaicodopasseio  
 AquiporeiTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTparafingirdepalmeiras  
 Emeponho eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu eupor ai tudo

Quero brincar com a minha cidade.  
Quero dizer bobagens e falar coisas de amor à minha cidade.  
Entre em breve ficarei sério e digno. Provisoriamente  
Quero dizer à minha cidade que ela leva grande vantagem sobre todas as  
[outras namoradas que tive  
Não só em Km2 como no que diz respeito a acidentes de terreno entre os  
[quais o número de buracos não cons-  
[titui fator desprezível.  
Em vista do que pegarei meu violão e, para provar essa vantagem, sairei  
[pelas ruas e lhe cantarei  
[a seguinte modinha:

Existe o mundo  
E no mundo uma cidade  
Na cidade existe um bairro  
Que se chama Botafogo  
No bairro existe  
Uma casa e dentro dela  
Já morou certa donzela  
Que quase me bota fogo.







## cartão-postal

V  
V  
avião  
V  
V

R  
IO  
Rio lua  
DE JA  
NEIRO!  
MEURIO

ZINHODEJANEIRO! MINHASÃOSEBASTIÃODORIODEJANEIRO!  
CIDADEBEMAMADA!AQUIESTÃO TEU POETAPARADIZER - TE  
QUETEAMODOMESMOANTIGOAMOR E QUE NADA NOMUNDO  
NEMMESMOAMORTEPODERÁNNOSSEPARAR.

Aquiporeissssssssparafingirdomosaicodopasseio  
AquiporeiTTTTTTTTTTTTTTTTTTTTparafingirdepalmeiras  
Emeponho eu eu eu eu eu eu eu eu eu eu e por aí tudo

Quero brincar com a minha cidade.  
Quero dizer bobagens e falar coisas de amor à minha cidade.  
Dentro em breve ficarei sério e digno. Provisoriamente  
Quero dizer à minha cidade que ela leva grande vantagem  
[sobre todas as outras namoradas que tive  
Não só em km<sup>2</sup> como no que diz respeito a acidentes de  
[terreno entre os quais o número de buracos  
[não constitui fator desprezível.  
Em vista do que pegarei meu violão e, para provar essa  
[vantagem, sairei pelas ruas e lhe cantarei  
[a seguinte modinha:

## **modinha**

Existe o mundo  
E no mundo uma cidade  
Na cidade existe um bairro  
Que se chama Botafogo  
No bairro existe  
Uma casa e dentro dela  
Já morou certa donzela  
Que quase me bota fogo.

Por causa dela  
Que morava numa casa  
Que existia na cidade  
Cidade do meu amor  
Eu fui perjuro  
Fui traidor da humanidade  
Pois entre ela e a cidade  
Achei que ela era a maior!

Loucura minha  
Cegueira, irreabilidade  
Pois realmente a cidade  
Era maior que a mulher  
Medindo aquela 1000 km<sup>2</sup>  
Enquanto esta, bem contados  
Um e 70... se tiver...

Há, naturalmente, os que dizem: “Ah, o Rio do meu tempo...”. Os que dizem: “Ah, o Rio não é mais o mesmo...”. Os que se lembram com saudade da velha rôtisserie da rua Gonçalves Dias, os que recordam de olhos úmidos o grande areial que era o Leblon, os que evocam com nostalgia os ventriloquismos do velho Batista Júnior no Cinema Central. Para estes, escrevi estas estrofes que poderemos chamar de:



## a cidade antiga

Houve tempo em que a cidade tinha pelo na axila  
E em que os parques usavam cinto de castidade  
As gaivotas do Pharoux não contavam em absoluto  
Com a posterior invenção dos *kamikazes*  
De resto, a metrópole era inexpugnável  
Com Joãozinho da Lapa e Ataliba de Lara.

Houve tempo em que se dizia: LU-GO-LI-NA  
U, loura; O, morena; I, ruiva; A, mulata!  
Vogais! tônico para o cabelo da poesia  
Já escrevi, certa vez, vossa triste balada  
Entre os minuetos sutis do comércio imediato  
Ó portadoras de êxtase e de permanganato!



Houve um tempo em que um morro era apenas um morro  
E não um camelô de colete brilhante  
Piscando intermitente o grito de socorro  
Da livre concorrência — um pequeno gigante  
Que nunca se curvava, ou somente nos dias  
Em que o Melo Maluco praticava acrobacias.

Houve tempo em que se exclamava: Asfalto!  
Em que se comentava: Verso livre! com receio...  
Em que, para se mostrar, alguém dizia alto:  
— “Então às seis, sob a marquise do Passeio...”  
Em que se ia ver a bem-amada sepulcral  
Decompor o espectro de um sorvete na Paschoal.

Houve tempo em que o amor era melancolia  
E a tuberculose se chamava consumpção  
De geométrico na cidade só existia  
A palamenta dos ióles, de manhã...  
Mas em compensação, que abundância de tudo!  
Água, sonhos, marfim, nádegas, pão, veludo!

Houve tempo em que apareceu diante do espelho  
A *flapper* cheia de *it*, a esfuziante *miss*  
A boca em coração, a saia acima do joelho  
Sempre a tremelicar os ombros e os quadris  
Nos *shimmies*: a mulher moderna... Ó Nancy! Ó Nita!  
Que vos transformastes em dízima infinita...

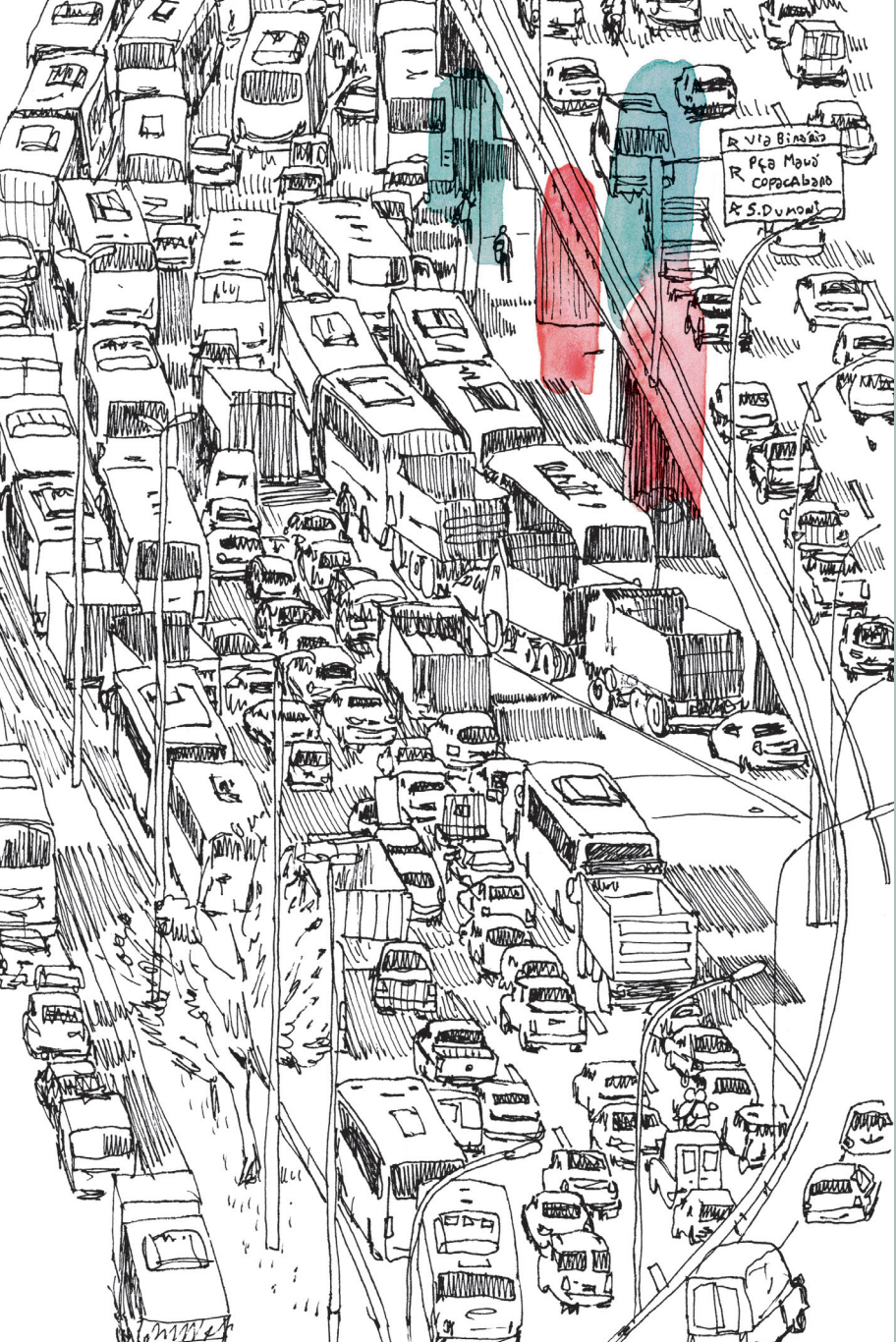
Houve tempo... e em verdade eu vos digo: havia tempo  
Tempo para a peteca e tempo para o soneto  
Tempo para trabalhar e para dar tempo ao tempo  
Tempo para envelhecer sem ficar obsoleto...  
Eis por que, para que volte o tempo, e o sonho, e a rima  
Eu fiz, de humor irônico, esta poesia acima.











Д. ВИА БИНА  
Р. ПЕР МОУ  
Р. КОРАБАЛ  
А. С. ДУМОВ

Que a cidade mudou, basta olhar. Avenidas foram abertas, modificou-se a silhueta da baía com aterros, demoliram-se quarteirões, puseram-se abaixo morros, construiu-se muito, sem parar. Às vezes, na noite, vê-se ainda a necrose patética de edifícios que nunca puderam ser. Gerações novas e desencantadas conglomeram-se em colmeias de cimento, sem ar e sem amor, e partiram para a vida de olhar cínico e punhos duros, cheios de ritmo e violência, mas angustiadas como pássaros em busca de espaço onde voar. Não, não há dúvida, a cidade mudou...